

Tópicos de linguagem médica

Contribuições do dr. P. Mangabeira-Albernaz ao estudo da linguagem médica

Luiz Antônio Silva¹

Em uma conversa na sala dos professores da Escola de Medicina Souza Marques, campus de Cascadura, fui surpreendido quando Professor Raymundo Manno Vieira me disse que houve certo momento na antiguidade clássica em que a palavra “obeso” significava exatamente o contrário do seu sentido atual, pois exprimia magreza. Para minha sorte, fui presenteado pelo Dr. Manno com um exemplar do livro: “Questões de Linguagem Médica” de Paulo Mangabeira-Albernaz, professor Catedrático de Clínica Otorrinolaringológica da Escola Paulista de Medicina, no qual há um artigo sobre origem da palavra obeso pelo qual se verifica a constatação desta afirmação. Nesse sentido pretendo apresentar neste artigo o estudo feito pelo Dr. Paulo Mangabeira-Albernaz, pois, considerando a raridade desse livro que foi publicado em 1964, será de grande proveito para discentes e docentes de medicina de hoje as reflexões desse estudioso de linguagem médica sobre tal espantoso assunto e de outros tópicos da linguagem médica, como veremos nesta seção.

Mangabeira-Albernaz encontrou a informação de que obesidade é oriunda da palavra latina <obesus> que significava magro, no editorial de 1953 do “The American Journal of Digestive Disease” e publicou o artigo acerca da significação da palavra “obeso” na Revista Brasileira de Medicina como resposta à pergunta de um médico brasileiro sobre essa estranha definição.

O referido artigo é constituído de um estudo filológico e etimológico de grande erudição sobre o termo latino <obesus> a partir de dicionários especializados tais como “Lexicon totius Latinitatis” de 1871, o de Theil, “Grand dictionnaire de Langue Latine” ou de obras da era clássica romana como “Noites Áticas” de Aulo Gélcio.

O seu método foi pesquisar como o termo foi usado nos clássicos do latim áureo.

Sendo assim, Mangabeira-Albernaz concluiu que o vocábulo <obesus> significou ao pé da letra, comido, corroído e gasto. Estas acepções poderiam disto sugerir “emagrecido”, “magro”.

A significação de magro foi apenas usada por Lévio, poeta e cômico, e também por Nônio. Aulo Gélcio(125-180), jurista e gramático, considerava essa acepção como a mais justa, em referências feitas na sua obra <Noctes Atticae>, (“Noites Áticas”). No entanto, Desde o século I d.C. <obesus> passou a significar gordo e esse significado foi o que passou para todos os idiomas modernos.

A conclusão da reflexão do autor do artigo é que não parece viável afirmar que o significado exato e original de <obesus> tenha sido propriamente magro, pois, derivava de corroído, gasto, comido. Porém ele acredita que um sentido mais próprio seria volumoso, gordo, isto porque, o verbo <edo, edere>, cujo particípio passado é <esus>, tenha significado comer, <ob-edere> de onde <ob-esus> no sentido da voz passiva “o que foi comido”.

Seguindo a este raciocínio, Dr. Paulo Mangabeira-Albernaz, cria uma hipótese de que o significado de corroído, minado, comido passou ao sentido de invadido e tomado. Assim, surgiu logo a ideia de ser tomado pela gordura, cheio de gordura (<adipus obesus>) e posteriormente ficou apenas <obesus>, no sentido de volumoso e disto, gordo.

¹ Prof. Dr. Luiz Antônio Silva. Doutor em Línguas. Professor de linguagem médica da Escola de Medicina Souza Marques.

Outra contribuição de Paulo Mangabeira-Albernaz, que resolvi compartilhar com os leitores de nossa revista, foi seu estudo sobre o uso correto do termo “*Tétrade de Fallot*” para a cardiopatia cianótica congênita no lugar de “Tetralogia de Fallot”, como geralmente usamos e ouvimos. Isto decorre do fato da doença se caracterizar por quatro anomalias oriundas de malformação.

Eu mesmo usei esse termo nas aulas sobre essa cardiopatia, que ficou famosa devido ao fato de que a primeira cirurgia cardíaca do mundo foi realizada para tratar de uma criança *que sofria da doença*.

Tal cirurgia foi realizada no Hospital da Universidade norte-americana de John Hopkins nos anos 40 e idealizada pelo Dr. Alfred Blalock e seu assistente de laboratório Vivian Thomas, carpinteiro e negro, que sofreu diversas discriminações sociais e raciais.

A história da descoberta desse procedimento cirúrgico e de um homem pobre e negro que conseguiu entrar para história da medicina mundial é contada no Filme Quase Deuses.

Segundo Mangabeira-Albernaz, o termo foi erroneamente escolhido pelo próprio Etienne-Louis Arthur *Fallot (1850-1911)*, no artigo “*Contribution à l’anatomie pathologique de la maladie bleue*” de 1888, pois a palavra “tetralogia” nunca significou reunião de quatro dados. “Tetralogia” em grego antigo significava conjunto de quatro elementos artísticos, três tragédias e um drama satírico, que eram avaliadas em concursos de tragédias, antes do período das obras de *Sófocles*. Nas línguas modernas, segundo o estudo, a palavra foi introduzida nos idiomas contemporâneos com o significado de quatro óperas sobre determinados temas. Usamos de maneira semelhante o termo “trilogia” para as produções cinematográficas que tem sequências, seguindo esta mesma lógica, como, por exemplo, as trilogias de “Star Wars” ou de “Matrix”.

Tanto na língua português quanto na francesa, “tetralogia” significa um conjunto de obras artísticas. Assim o correto de acordo com o Professor Mangabeira-Albernaz é “*Tétrade de Fallot*” e não “Tetralogia de Fallot”.

Referencias

MANGABEIRA-ALBERNAZ, PAULO. Questões de Linguagem Médica. Campinas. 1964